

Contando a vida de Festa: a escrita biográfica na história a partir das ações de uma enfermeira-parteira comunista entre Porto Alegre e a vila de Butiá (1930-1940)

Telling Festa's Life: biographical writing in history through the actions of a communist nurse-midwife between Porto Alegre and the mining Village of Butiá (1930–1940)

Lucas Specht,¹ UFRGS

Resumo

O artigo pretende refletir teoricamente em torno da construção das biografias históricas a partir de um estudo de caso: a escrita da biografia de uma enfermeira-parteira comunista chamada Maria Siani Festa. As ações de Festa percorrem a cidade de Porto Alegre e a vila mineradora de Butiá entre as décadas de 1930-1940. Para discutir sua trajetória enquanto militante e enfermeira-parteira, partimos da noção de que a biografia histórica é a escrita das ações individuais em tensão com as estruturas sociais, buscando entender que essas trajetórias são chaves para entrar em uma determinada sociedade e assim contribuir com a construção do conhecimento histórico. A reflexão aqui parte de fontes documentais como jornais operários e comunistas, processos judiciais, cartas, abaixo-assinados e documentos de vigilância.

Palavras-chave: Biografia; Gênero; Partido Comunista do Brasil; Militância política.

Abstract

This article aims offers a theoretical reflection on the construction of historical biographies through a case study: the writing of the biography of a communist nurse-midwife named Maria Siani Festa. Festa's activities took place between the city of Porto Alegre and the coal-mining village of Butiá during the 1930s and 1940s. To argue her trajectory as both a political activist and a nurse-midwife, we draw on the understanding that historical biography consists of writing about individual actions in tension with social structures, from this perspective, individual trajectories serve as points of entry into a given society, thereby contributing with the production of historical knowledge. This reflection is based on documentary sources such as labor and communist newspapers, court records, letters, petitions, and state surveillance documents.

Keywords: Biography; Gender; Brazilian Communist Party; Political Activism.

Introdução

Era 25 de maio de 1946. Uma carta foi enviada da Mina dos Ratos à Mina do Butiá, ambos distritos mineiros de carvão pertencentes ao município de São Jerônimo, no Rio

¹ Mestrando em História no PPGH da UFRGS. Graduado em Licenciatura em História na UFRGS. Integrante do Laboratório de História Social do Trabalho (Lhista). E-mail: lucas.specht214@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Grande do Sul. A mensagem tinha como remetente Luiz Dorvalino Feijó, secretário-geral da Célula Mineira do Partido Comunista do Brasil (PCB); já o destinatário era Anaurelino Dornelles, também integrante da célula local do partido. Com apenas uma lauda de texto escrita a próprio punho, Feijó apresenta em pequenas frases diversas informações para seu destinatário, a fim de situá-lo do que estava acontecendo no partido e da necessidade de mobilizar os operários, ou, em suas palavras: “Veja os atuais acontecimentos políticos e procurem discuti-los, para armar os companheiros” (Carta, 1946, p. 1). Após esse alerta, o secretário da célula local do PCB, fundada em dezembro do ano anterior nas Minas do Butiá (Comitê, 1945, p. 1), afirmou categoricamente: “a D.^a Maria viaja hoje para aí”.

Dois dias depois, em 27 de maio, a carta é interceptada pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) (Cópia, 1946, p. 1). Tanto Luiz Feijó como Anaurelino são interrogados por Theobaldo Neumann, delegado do DOPS em Porto Alegre. Além de serem questionados sobre o conteúdo em si da carta, como as mobilizações comunistas e uma sensível preocupação do órgão de repressão com o termo “armar”, o delegado, em ambos depoimentos, questiona: “Por que comunica num tópico da carta de que Maria Siani Festa voltará para as Minas?”. A respeito desta questão, Dornelles afirma: “Que, a mesma goza de prestígio no seio da classe mineira, sendo uma verdadeira líder dado o seu lado humanitário e a incansável presteza com que atende a chamados dos que necessitam de seus trabalhos”.

Por que o interesse do DOPS nessa personagem? Como se fez a ligação de ser Maria Siani Festa a “D.^a Maria” citada na carta? Qual a relação dela com esses dirigentes partidários do Partido Comunista do Brasil? Foram essas as questões disparadoras que vieram à mente quando analisei pela primeira vez esta fonte. Assim, a vida desta personagem não foi de interesse somente do órgão de repressão da ditadura estadonovista de Vargas, mas também da presente pesquisa.

Maria Siani Festa foi uma enfermeira-parteira da Caixa de Pensões e Aposentadorias da Mineração de Carvão na vila mineradora de Butiá, entre os anos de 1939 e 1946 (Specht, 2025a), quando foi demitida, acusada de intervir em um parto. Além de sua atuação como trabalhadora de saúde, foi militante ativa do Partido Comunista do Brasil, integrando a célula local e tendo participação destacada nos contextos de greves que agitaram a classe mineira no ano de 1946, mesma data de produção da carta apresentada. Sua ação como enfermeira e a de militante são dimensões indissociáveis da sua trajetória, o que pode ser demonstrado pelas qualificações feitas pelo dirigente comunista a ela. Naquela vila mineira de carvão, carente de

cuidados básicos de saúde e da eclosão de movimentos de confronto de classe, sua presença se fez importante para toda a comunidade, em especial entre as mulheres que, tal qual o agente do DOPS, citaram Festa em um abaixo-assinado (Abaixo-assinado, 1946, p. 1) enviado ao presidente da República naquele mesmo ano (Specht, 2025b).

Além da sua ação nas minas de carvão, Maria Festa circulou por Porto Alegre e outros espaços, como Caxias do Sul, por exemplo. A análise de sua trajetória ou de sua biografia² possibilita uma janela para que discutamos os alcances e os limites da militância política feminina naqueles conturbados anos do Estado Novo e no início do governo Dutra. Partimos de uma abordagem biográfica, visto que ela é “um método privilegiado para acessar dimensões pouco contempladas pelos estudos que partem de dimensões macro interpretativas” (Guerra, 2023, p. 17).

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo refletir teoricamente em torno da construção de biografias históricas a partir de um estudo de caso: a escrita da biografia de uma enfermeira-parteira comunista chamada Maria Siani Festa. As ações dessa personagem permitem que discutamos as potencialidades deste gênero narrativo, que também é uma dimensão de pesquisa. Além disso, o estudo biográfico dos caminhos de Festa permite que tensionemos as relações de gênero em espaços de militância e de trabalho geridos por uma lógica altamente masculinizada, como nas minas de carvão do Rio Grande do Sul.

O primeiro passo de nossa discussão aqui é questionar, afinal, o que é uma biografia? Conforme a rede de buscas da *internet* mais pesquisada, o *Google*, a biografia é um gênero textual que narra a história da vida de uma pessoa, reunindo os principais acontecimentos desse biografado, apresentando suas conquistas e os momentos marcantes desse indivíduo, destacando sua relevância histórica, social ou cultural. De certo modo, caminhamos perto desta definição, mas com algumas ressalvas. A premissa da biografia como gênero textual pode ser revelada pela disponibilidade em larga escala de biografias de personalidades conhecidas do mundo político e das celebridades, em especial quando são alcunhadas como “a biografia não autorizada de tal fulano”. O índice de vendagem e a escrita espetacularizada são características dessas biografias escritas, em sua maioria, por jornalistas (Schmidt, 2018, p. 21).

A perspectiva que aqui discutimos não entende a biografia como simplesmente um gênero textual, mas sim como uma perspectiva de pesquisa, calcificada em um recorte

² Nesta pesquisa, compreendo os termos trajetória e biografia como sinônimos.

teórico-metodológico em diálogo direto com a história social, visando, no fim das contas, compreender e narrar a vida de determinados personagens para contribuir com o conhecimento histórico. Diante disso, o termo biografia é adjetivado com “histórica”, trazendo o peso disciplinar da historiografia acadêmica em seus métodos, processos e firmemente embasado em um diálogo crítico com as fontes documentais. Ao contrário das biografias mais vendidas nas livrarias físicas ou virtuais, as biografias históricas, produzidas por historiadores e historiadoras, debruçam-se sobre sujeitos pouco conhecidos, os que podemos chamar de “excluídos da história”, termo emprestado de Michelle Perrot (2017). Dessa maneira, escravizados, libertos, operários, militantes, mulheres, crianças, entre outros personagens, têm suas vidas escrutinadas, buscando compreender suas margens de resistência e ação em contextos de dominação.

A biografia no campo da historiografia foi vista por muito tempo com maus olhos, vistas as críticas advindas de intelectuais que buscavam questionar o passado sob uma lente macro-estrutural, pensando processos coletivos da experiência histórica. Já na década de 80, historiadores sociais, já insatisfeitos com o uso de categorias interpretativas predeterminadas, “começaram a refletir sobre os destinos individuais” (Loriga, 1998, p. 226). As críticas foram imensas, dentro da própria história social, sobretudo por creditarem aos estudos biográficos, em escala diminuta, a perda de elementos e categorias que dão sentido processual às dinâmicas históricas em níveis estruturais da sociedade. Todavia, os estudos recentes das trajetórias individuais têm demonstrado que a relação entre os destinos dos sujeitos e o espaço em que eles atuaram, justamente, traz uma dinamicidade às pesquisas historiográficas, demonstrando a multiplicidade de sujeitos, formas de resistir, viver, sentir e, ao fim, existir em diferentes sociedades que se analisam, não perdendo de vista as condições estruturais que impactam, mas também são tensionadas pelas ações individuais.

De qualquer forma, precisamos pontuar que temos em mente que “escrever a vida é um horizonte inacessível” (Dosse, 2011, p. 11), ou seja, qualquer biografia que se pretende como totalizante, abarcando do nascimento à morte dos biografados, bem como atribuindo reflexões teleológicas das vivências analisadas, está caindo na armadilha da “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1996). As injunções do cotidiano de qualquer personagem estudado, no caso aqui, a vida de Maria Festa, precisam estar evidentes. A sua citação em uma carta de dirigentes comunistas não é um acidente de percurso, mas sim reflexo de seus projetos individuais e coletivos elaborados em um campo de possibilidades historicamente

determinado (Velho, 1999). Ao lado de tantos outros, como Menocchio (Ginzburg, 2006), Martin Guerre (Davis, 1987), padre Giovan Battista Chiesa (Levi, 2000), Elisa Branco (Ferreira, 2023), Maria Festa surge como uma janela para adentrarmos as comunidades mineiras de carvão do Rio Grande do Sul na década de 1940, revelando as dificuldades, becos sem saída, oportunidades, estratégias que colocou em prática para exercer tanto sua militância política quanto seu ofício de enfermeira-parteira.

Desta forma, o presente artigo busca articular a dimensão da escrita da biografia na história como fio condutor da pesquisa e reflexão por meio do estudo de caso da trajetória de Maria Siani Festa. Em um primeiro momento, apresentarei alguns pressupostos teórico-metodológicos do campo das biografias históricas, visando demonstrar o entendimento que pretendo refletir durante a pesquisa das ações da personagem aqui estudada. Em seguida, o objetivo é apresentar o caso da nossa enfermeira-parteira, demonstrando a contribuição que as perspectivas do campo da biografia histórica auxiliam na investigação de suas ações.

Biografias históricas: pressupostos teórico-metodológicos

De certa forma, já apresentei aqui as principais críticas que o campo da biografia recebeu no âmbito da história. Em especial, a crítica ao fato de se centrar nos passos de indivíduos, ao contrário de analisar movimentos amplos da sociedade, contudo, ela já está, de certa forma, superada. Ao mesmo tempo que o risco da ilusão biográfica continua à espreita dos biógrafos-historiadores, mas com um nível de conscientização maior para os cuidados em expressar coerências teleológicas nas ações dos personagens analisados. Buscarei aqui discutir alguns autores e autoras que sedimentam meu entendimento da biografia histórica para a pesquisa da trajetória de Maria Festa.

Partimos da ideia, segundo Schmidt (2012, p. 199), de que “biografar é evidenciar o ‘fazer-se’ do personagem focado ao longo do tempo” e de que “tal movimento não é linear e unidirecional, mas contextualmente delineado, sujeito, pois, a diferentes injunções e ritmos, bem como a incertezas, descontinuidades, oscilações e incoerências”. O “fazer-se” dos personagens biografados presume um movimento interno e externo do sujeito na escrita biográfica, isto é, o modo como o personagem se faz e como ele é feito, ou melhor, representado no seu próprio tempo. Esse movimento é contínuo, contudo não linear, nem unidirecional, como define Benito Schmidt, mas contextualmente delineado. Isso quer dizer que o processo de “fazer-se” dos sujeitos biografados está inserido em um local, em um

período, em uma relação, sempre subordinados (mas não engessados) pelo entorno ao qual ele está se relacionando.

Essa premissa permite que pensemos os personagens em seus momentos de dificuldade, ou, como a definição nos apresenta, “oscilações e incoerências”, pois, estando em relação a algo, a outros sujeitos, às estruturas de dominação, etc., o indivíduo não é considerado um fio solto em um espaço livre, mas, como já discutimos anteriormente, em um campo de possibilidades historicamente determinado, em que ele faz suas escolhas tendo sempre diante de si “um futuro incerto e indeterminado” (Schmidt, 2012, p. 199). Os sujeitos têm, diante disso, uma liberdade, mas ela não é absoluta, é “culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo, no entanto, uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores” (Levi, 2006, p. 179).

O estudo dessa liberdade “culturalmente e socialmente” conquistada tem sido uma tônica recente da história social brasileira. Nela, as trajetórias individuais têm sido analisadas como um modo de entender “os processos de individuação e os modos de agência política de personagens sociais subalternos” (Mattos, 2012, p. 105), mesmo “diante de sistemas normativos extremamente violentos e opressivos” (Schmidt, 2013, p. 70). Sendo assim, trajetórias de mulheres, de pessoas negras, indígenas, de pessoas identificadas como LGBTQIAPN+, entre outros grupos, são uma chave para quebrar dicotomias como dominantes x dominados, estrutura x sujeito, resistência x aculturação, público x privado, etc., complexificando as relações sociais, demonstrando as margens de ação, resistências e dominação.

Essa quebra de dicotomias, muitas vezes construídas em pesquisas historiográficas que analisam sob uma lente macro-estrutural, contribui fortemente para que compreendamos a multiplicidade dos sujeitos em suas formas de agir e resistir perante o mundo. Essa pluralidade advinda dos estudos biográficos é “uma chave para entrar em uma dada sociedade e aprofundar os conhecimentos históricos sobre ela” (Castellucci, 2024, p. 19-20). Se questionarmos como os diferentes sujeitos presentes em uma greve, uma revolta, um levante, ou simplesmente, uma política institucional, vivenciaram e lidaram com esses movimentos, possibilita essa “chave”, criando condições para não homogeneizar, muito menos idealizar a classe trabalhadora, o movimento feminista, movimentos indigenistas, movimento negro, dentre outros.

Esse refinamento da lente, entretanto, não pode perder de vista em nenhum momento o contexto, ou seja, o palco em que os atores sociais estão inseridos. Segundo Giovanni Levi, o contexto tem como papel preencher as lacunas documentais “por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado” (2006, p. 176). Além disso, ele também não pode ser considerado um elemento exterior à vida do personagem, ao contrário, “ao mesmo tempo em que ele foi impactado pelos contextos, o personagem também agiu no sentido de alterá-los. O desafio é justamente captar esse duplo movimento ao longo da narrativa” (Guerra, 2023, p. 20).

Nessa perspectiva, ao estudarmos os passos dos personagens biografados, precisamos estar sempre atentos ao mundo em seu entorno, que não para no processo do “fazer-se” desse indivíduo. Enquanto ele atua em seu espaço, outros podem estar realizando semelhantes atitudes em outros locais. O contexto precisa ser analisado em diálogo com o sujeito biografado, senão teremos na narrativa o que ficou conhecido como “paradoxo sanduíche”: um pouco de contexto, um pouco de ação individual, mais uma pitada de contexto, outra de ação individual e assim por diante. Precisamos estar atentos para não imprimirmos um texto em que “o tempo histórico aparece como um fundo de cena fixo, sem impressões digitais” (Loriga, 1998, p. 248). Precisamos, como elencado por Guerra, captar o “duplo movimento”, inserindo o personagem no seu contexto, para, com isso, em momentos de encruzilhadas documentais, preencher esses vazios, como sugeriu Levi.

A falta de fontes, inclusive, é uma questão importante a ser discutida na escrita das biografias históricas. Os personagens estudados por historiadores-biógrafos, em sua maioria, são sujeitos pouco conhecidos que deixaram rastros rarefeitos na documentação. Para lidar com tal dificuldade, diversos instrumentos metodológicos têm sido tomados por esses pesquisadores, como a comparação contextual e a imaginação histórica, por exemplo. Essa dificuldade de pesquisa, inclusive, auxilia na crítica que a biografia na história recebeu de não tomar como objetivo contar a vida toda dos personagens. Como escrever a vida toda de um personagem que somente surge na documentação em movimentos não lineares e distantes cronologicamente? É impossível. Mas, como busquei demonstrar aqui, não queremos a vida toda, mas sim os momentos-chave de suas vidas (Castellucci, 2024, p. 28), que possibilitam que olhemos para dinâmicas daquele contexto analisado, impossíveis de serem captadas se não forem escrutinadas por uma escala microscópica.

Para tal, podemos dialogar com a perspectiva do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989). Seguindo essa linha, o historiador assume a posição de um verdadeiro detetive, ou quem sabe um médico, até, talvez, um crítico de arte. Nessa tríade apresentada pelo autor, o indício, o sinal, o fio solto pode ser costurado, formando uma trama densa e homogênea, advinda da construção narrativa desses fios soltos encontrados ao longo da pesquisa. Serão esses indícios que fornecerão momentos-chave no estudo das vidas dos indivíduos biografados.

Diante desses momentos-chave, muitas vezes nos defrontamos com casos interessantes. Nos imaginemos diante de um moleiro que questiona a cosmogonia católica diante da Inquisição (Ginzburg, 2006), ou um falsário que assume o nome e a família de um homem sumido na França do século XVI (Davis, 1987), ou ainda, uma enfermeira-parteira que, em meio ao nome de tantos homens comunistas, surge como “um dos elementos mais perigosos de Butiá” (Elementos, 1946, p. 1). O perigo de analisar esses casos destoantes é a volta do objetivo da biografia em seus primórdios: criar heróis, ou, no caso dessa pesquisa, uma heroína, “só que com sinal contrário” (Schmidt, 2013, p. 63).

Portanto, nesses casos, pontua-se a coerência nas ações dos indivíduos, “engajados desde sempre em lutas heroicas contra a opressão dos dominantes, capazes até de se entregarem ao martírio em nome das causas defendidas” (Schmidt, 2013, p. 63), ou seja, evidencia-se uma perspectiva de criar grandes heróis defensores dos subalternos, enxergando-os como “uma força vital capaz de transgredir todas as regras e formatos sociais” (Avelar & Schmidt, 2018, p. 9). Para evitar tal perigo, precisamos assumir uma posição crítica em relação à análise das ações dos indivíduos que analisamos.

Como pontuado até aqui, a margem de liberdade não é infinita, porém existente. A “volta da biografia” aos estudos historiográficos possibilita que examinemos, ou, como pontua Schmidt, admiremos as “brechas de liberdade que cavava mesmo quando inserido em sistemas normativos extremamente opressivos” (Schmidt, 2018, p. 21). Sabina Loriga dedicou parte de sua obra a discutir justamente essa margem, essa brecha, ou, como ela definiu, “o pequeno x”. A partir de uma fórmula criada no século XIX, $A = a + x$, em que o “A” é o próprio sujeito, o “a” refere-se às determinações de uma época, de classe, do país, e “x” é um traço singular, a contribuição do sujeito, uma lacuna de ação atravessada por sistemas normativos sociais (Loriga, 1998, p. 233). Logo, em $A = a + x$, “embora infinitamente

pequeno, o x é fundamental, já que é ele que dá à história seu movimento” (Loriga, 2011, p. 97).

O movimento do x é o próprio “fazer-se” do personagem, inserido em um campo de possibilidades plástico e dinâmico, com uma margem de liberdade pacientemente conquistada em relação a um contexto que não é fixo e imutável, mas sim inserido, atuado e impactado pelo movimento do próprio sujeito. Os momentos-chave de suas ações revelam entradas para quebrar dicotomias sedimentadas em análises macro-estruturais, demonstrando eventos e processos homogêneos, que são pluralizados quando estudados pela lente dos passos dos sujeitos. Sujeitos esses que não são heróis, muito menos exemplos, mas sim casos importantes de serem escrutinados, de terem a imprevisibilidade dos processos históricos evidenciada, demonstrando as margens de ação desses indivíduos, mesmo em pesquisas em que as fontes entreguem lacunas, preenchidas pelo próprio contexto, ou, quem sabe, um pouco de imaginação.

Contando a vida de Festa: mas, que Festa?

Como já apresentado anteriormente, estamos falando de Maria Siani Festa. O objetivo agora é elencar alguns elementos da pesquisa em diálogo com os pressupostos teórico-metodológicos do campo da biografia histórica. De início, uma problemática levantada por Benito Schmidt pode auxiliar na reflexão. Ao estarmos diante de um personagem, seja ele conhecido ou não, precisamos, de pronto, nos questionarmos: “faço essa biografia para quê? Que âmbitos, problemáticas, processos, causalidades e relações o estudo de determinada trajetória individual permite vislumbrar de maneira diferenciada em relação a outros enfoques não biográficos?” (Schmidt, 2013, p. 63).

Para respondê-la, é necessário apresentar o pano de fundo, o contexto em que Festa estava inserida, para então problematizar o porquê da relevância de sua biografia. Sabemos que Maria Festa chegou a Porto Alegre, vinda de São Paulo, em 1934, vendo um anúncio de seus serviços enquanto enfermeira no jornal *A Federação* (Serviço, 1946, p. 3). Festa permaneceu na cidade até 1939, quando se deslocou para a vila operária de Butiá, na região carbonífera gaúcha. Nesses 5 anos, esteve presente em espaços diversos de atuação, como o Hospital Psiquiátrico São Pedro, instituição estadual, e o Posto de Psicopatas, ligado à Assistência Pública da então Intendência de Porto Alegre. O momento era de suspeição política, o anticomunismo já reinava há tempos, bem como a pressão contra críticos do

governo Vargas (Motta, 2000). Será nessa relação que ela foi possivelmente demitida do Hospital São Pedro, por meio de um abaixo-assinado de colegas que a acusavam de “propaganda comunista”³, em 1936. Já no ano seguinte, dois dias após o autogolpe de Vargas em novembro de 1937, Maria Festa é presa e recolhida à Casa de Correção de Porto Alegre (Comunistas, 1937, p. 2), no âmbito do arrefecimento das perseguições contra comunistas após o início do Estado Novo. Ela foi presa conjuntamente com Elemar Schmidt e Jesus Ribas. Depois de sua prisão, foi demitida do Posto de Psicopatas (Despacho, 1937, p. 1).

Dentre seus “companheiros” de prisão, Jesus Ribas abre um novo leque para pensarmos a relação de Maria Festa com ambientes de militância na capital gaúcha. Isso ocorreu, pois Ribas foi presidente do Instituto de Assistência à Proteção à Infância (IAPI) (Duarte Bartz, 2025), local que Festa assumiu a diretoria no ano de 1936. O que chama a atenção aqui é que Ribas e sua esposa, Dorvalina Ribas, eram destacados e importantes militantes anarquistas de Porto Alegre, e assumiram a direção desta instituição após confrontos com a Associação Cristã Independente, no mesmo ano de 1936. Nessa ruptura, Festa parece ter um papel de importância, pois, no momento em que ela processa um sargento do exército e estudante de medicina por ter deflorado sua filha⁴, uma denúncia contra a sua gestão no IAPI é mobilizada pela defesa do sargento para desacreditá-la enquanto unidade familiar, gestão essa que iniciou justamente no momento em que o casal Ribas assumiu a presidência da instituição.

Assim, a partir dessa fonte, podemos destacar as relações de militância de diferentes correntes de esquerda, bem como as relações que a personagem enfocada aqui estabeleceu: companheiros anarquistas, sua filha, um sargento do exército. Sujeitos que se aproximam dela, e que revelam dimensões do seu “fazer-se” a serem exploradas.

Ainda no decorrer desse processo, Festa se desloca da capital para as minas de carvão, assumindo o posto de enfermeira na Caixa de Aposentadorias da Mineração, no ano de 1939. Nesse local, seu nome surge em 1945 como um dos presentes na lista de pessoas que discursaram na inauguração do Comitê local do Partido Comunista do Brasil em abril daquele ano (Comitê, 1945, p. 1). Ainda no fim de 1945, Festa concedeu uma entrevista para um jornal comunista da serra gaúcha, a *Voz do Povo* de Caxias do Sul (Como trabalham, 1945, p.

³ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. Processo nº 4720. 1938.

⁴ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. Processo nº 4720. 1938.

2). Sua presença nesses espaços de articulação comunistas reverberam o contexto de repressão, mas também de certa possibilidade de divulgação e articulação do partido, sobretudo em 1946. Veremos esse contexto agora.

Politicamente, o país passava por uma conturbada transição de poder. Após 15 anos, Getúlio Vargas deixava o cargo, assumindo o governo o seu general de guerra, Eurico Gaspar Dutra. A eleição, ocorrida em 2 de dezembro de 1945, foi complexa. Diversas forças políticas se digladiaram para ganhar a bênção varguista, que até o final tentou manter-se no páreo, aliando-se, inclusive, ao PCB. Liderado por Luís Carlos Prestes, foi legalizado com a anistia aos presos políticos em abril do mesmo ano. Na legalidade, o partido infiltrou-se nas bases operárias em diferentes espaços, lançando um candidato às pressas que ganhou notórios 10% em diversos locais de mobilização. Um deles foi, inegavelmente, a região carbonífera do Rio Grande do Sul. No ano de 1946, essa infiltração resultou, na ponta, em um pipocar das greves Brasil afora, sobretudo no final de janeiro, com a posse de Dutra (Ferreira, 2022; Negro & Silva, 2022; Silva & Santana, 2007).

Essa onda de movimentos grevistas atinge um dos espaços de maior contingência operária do país, as minas de carvão de São Jerônimo, com cerca de 7 mil trabalhadores registrados em carteira (Speranza, 2014, p. 25). Nesse local, baseado na exploração de carvão mineral, em auge em face da necessidade do minério pelo estado de guerra em que se encontravam os países, as vilas operárias viam fervilhar em suas ruas insatisfações como a carestia de vida, a falta de água, poucas escolas, perigos nos ambientes de trabalho, questões de saúde. Esses pontos eram elencados sobretudo por mulheres que estavam atreladas ao cotidiano de trabalho doméstico, já que o trabalho da mineração de carvão no Rio Grande do Sul era realizado, exclusivamente, por homens (Speranza, 2020; Mandelli, 2023, Specht, 2025b).

Apesar dessa estrita divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009), em que as marcas do gênero eram articuladas repetidamente, no momento de greve houve uma diluição dessas fronteiras, tendo as mulheres assumido posições de questionamento no movimento paredista. Isso ocorreu na greve de 1946, que paralisou a mineração por 36 dias. Mesmo não tendo funções de trabalho no subsolo, as mulheres protestavam contra as suas batalhas cotidianas e de suas famílias. Agiam por meio de cartas e abaixo-assinados, pontuando suas reivindicações. Em outros momentos, existem relatos de grupos de mulheres

atacando os “fura-greves” (Speranza, 2020, p. 129). Vale ressaltar que essas mulheres eram, em sua maioria, mulheres comunistas (Specht, 2025b).

É nesse imbróglio que surge nossa personagem, e com esses elementos podemos responder ao questionamento levantado pelo professor Benito Schmidt: faço essa biografia para problematizar como as mulheres comunistas conseguiram exercer sua militância em espaços de repressão estatal, bem como em locais de estritas divisões de gênero em que a militância ativa esperada pelo partido era masculina. Maria Siani Festa foi protagonista desses embates (seja em Porto Alegre ou em Butiá), mas não foi a única. As experiências de militância dessas mulheres somente podem ser observadas nesta pesquisa quando analisadas a partir da trajetória desta personagem. O enfoque biográfico de Maria Festa permite, justamente, captar, por meio de suas ações, como a militância política comunista feminina alcançou espaços legítimos de contestação, bem como seus limites.

Para realizar este estudo, parte-se da premissa da redução de escala de análise (Revel, 1998), em que as sociedades analisadas são colocadas em um microscópio e, ao refinarmos a lente, chegamos à personagem que objetivamos analisar em termos biográficos. É o caso de Maria Festa, que surge nessa redução de escala, mas as suas ações permitem um jogo, ou a expressão conhecida *Jogo de Escalas*, em que, na microanálise de seus passos, conseguimos observar processos amplos de dominação e resistência. Nesse procedimento, podemos colocar a biografia de Festa no centro do estudo, entendendo seu “fazer-se” enquanto mãe, mulher, militante, enfermeira, grevista, etc. Problematicando sua trajetória em relação aos outros sujeitos que encontra no seu caminho, encontrando seu “x”.

Para tal, a pesquisa dialoga com diversos campos que possibilitam tensionarmos essas relações e compreendermos o contexto. Encontra-se no entroncamento entre a história social do trabalho (Fortes, 2001; Mandelli, 2023; Speranza, 2014; Konrad, 2006; Freitas, 2021), em especial trabalhos que analisam as relações de trabalho e militância sob o enfoque do gênero (Matoso, 2024; Popinigis & Schettini, 2024; Souza, 2024; Fraccaro, 2016; Perrot, 2017; Bartmann, 2023), na relação com o campo da biografia histórica (Nunes, 2021) e a micro-história (Ginzburg, 2006).

Nessas relações, busca-se compreender como o estudo da biografia de Maria Siani Festa possibilita a reflexão sobre os alcances e limites da militância política feminina comunista no contexto do Estado Novo varguista e a reabertura do regime com a legalização do Partido Comunista do Brasil. Para isso, uma série de fontes são mobilizadas, as quais

muitas delas já foram apresentadas ao longo do texto, como periódicos operários, comunistas e de circulação geral, processos judiciais, cartas, abaixo-assinados e documentos de vigilância.

As fontes de pesquisa apresentam diversas faces de Maria Festa, porém, uma delas, já citada aqui, chamou a atenção de início. Primeiro, o que estava acontecendo? A greve de 1946 na região carbonífera já havia terminado, entretanto, a perseguição contra os responsáveis pela mobilização do movimento só estava começando. Como apontou Speranza (2014), mineiros envolvidos foram demitidos. Apesar de o PCB estar legalizado, a perspectiva anticomunista estava introjetada nos órgãos de repressão e nas próprias empresas, vendo que a presença de elementos comunistas podia causar a eclosão de greves. Por essa razão, a vigilância ocorria continuamente e acirrou-se no pós-greve de 1946 pela Companhia Carbonífera das Minas de Butiá na elaboração de relatórios de “elementos estranhos” à Companhia.

Em uma lista com 15 nomes, surge o nome de uma mulher. Além dela, outros 14 homens ligados direta ou indiretamente à articulação comunista. O nome desta mulher surge como o primeiro da listagem, dito desta forma: “Enfermeira a CAP. de Mineração. Comunista confessa há mais de 10 anos. Instigadora de todo o movimento comunista em Butiá. Animadora das greves que têm ocorrido na mina em 1945 e 1946. Contribuiu com dinheiro para manter os operários em greve. **É um dos elementos mais perigosos de Butiá**” (Elementos, 1946, p. 1). Falamos, obviamente, de Maria Siani Festa.

Como ela se tornou, aos olhos da companhia carbonífera, um elemento perigoso? Ela se resume a essa classificação? São questionamentos que acompanham essa pesquisa, cotejados com outras fontes, demonstram que Festa pode ter sido perigosa para a empresa, mas para as “mães, esposas, noivas, irmãs e filhas dos mineiros de Butiá” ela era “grande amiga da família mineira” (Abaixo-assinado, 1946, p. 2), ou para o dirigente comunista que aqui já apresentamos “uma verdadeira líder”. Além disso, em periódicos comunistas aparecia que ela “vibrava em uníssono com as grandes causas do proletariado e do povo” (No campo, 1946, p. 15), anos antes, em Porto Alegre, fora taxada como “uma mulher de maus costumes”⁵ no processo-crime de 1938. Ainda no ano de 1919, Festa é acusada de tentar assassinar seu então marido, José Festa, em São Paulo (Pronuncia, 1919, p. 3).

⁵ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. Processo nº 4720. 1938.

Percebemos, nessa direção, várias ações, vários sujeitos, vários acontecimentos. E neles, várias Festas. Dentre essas diversas facetas, percebemos as nuances dessa personagem. É justamente essas diferentes perspectivas sobre ela que potencializam o estudo de sua biografia, atrelada ao contexto de repressão e perseguição política. A fronteira entre público e privado se dilui, e Maria Festa tem sua identidade enquanto mãe, enfermeira-parteira e militante política confrontada pelas dificuldades que encontra no seu caminho. Porém, como bem exprime Schmidt, “por mais eficientes que sejam as políticas de domínio, existem sempre margens de manobra, opções e escolhas” (2013, p. 69), e Festa os fez, ao lado de mulheres e diferentes sujeitos, seja em Porto Alegre, seja em Butiá.

Considerações finais

François Dosse alerta que “o biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar” (2009, p. 14). Em vista disso, apesar das diversas perspectivas que os documentos que analisamos apresentam sobre nossa personagem, nunca conseguiremos responder a essa pergunta, aparentemente simples: Quem foi Maria Siani Festa? Sabemos fragmentos, indícios, partes, rastros dela, mas quem *realmente* foi, sua essência, sua subjetividade, sua identidade completa, nunca conseguiremos captar. Essa é a premissa, no fim das contas, da biografia no campo da história. A vida toda de nossos biografados está no passado, buscamos analisar os fios de suas ações para costurá-los com outras linhas, formar um tecido aparentemente sem buracos: a história de vida de Maria Siani Festa.

Portanto, nesta pesquisa, pretende-se evidenciar o “fazer-se” de Maria Festa ao longo do tempo, partindo da ideia de que sua trajetória não é linear, nem unidirecional. Queremos compreender as suas ações, seja como militante, seja como trabalhadora na área da saúde, seja como mãe, seja como mulher, isto é, as diferentes versões da personagem. Não queremos englobar a vida toda de Festa, mas sim os “momentos-chaves” de sua vida, dando ênfase à sua contribuição, suas estratégias e modos de se inserir, tensionar, questionar e resistir às estruturas às quais ela se relaciona em um campo de possibilidades historicamente determinado.

Como perguntou o agente do DOPS varguista: “Por que citar Maria Festa?”. Para nossos objetivos aqui, citá-la é necessário, mas não somente: analisá-la, entendê-la, problematizá-la, para que, ao fim e ao cabo, possamos relacionar esse “elemento perigoso”

com as diversas formas de militância política de mulheres comunistas que não chegaram até nós por meio dos rastros do passado.

Fontes

ABAIXO-ASSINADO das parentes femininas dos mineiros de Butiá ao Presidente da República, 9 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Comarca de Porto Alegre. Vara de Jurisdição Criminal. 1º Cartório do Crime. **Processo nº 4720. 1938**

CARTA de Luiz Dorvalino Feijó a Anaurelino Baptista Dornelles, 25 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

COMITÊ distrital do PCB em São Jerônimo. **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 agosto de 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154547&pagfis=651>. Acesso em: 20 fev. 2025.

COMO TRABALHAM os mineiros em Butiá. **Voz do Povo**, Caxias do Sul, p. 2, 16 dez. 1945. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882739&pagfis=6>. Acesso em: 27 fev. 2025.

COMUNISTAS presos em Porto Alegre. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 13 novembro 1937. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_04&pesq=%22Maria%20Siani%20Festa%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=43476. Acesso em: 20 jan. 2025.

CÓPIA de termos de **declarações prestados ao D.O.P.S**, 27 mai. 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do Carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

DESPACHO administrativo para posse de segunda colocada de concurso no Posto de Psicopatas de Porto Alegre em 12 de novembro de 1937. Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV). Fundo: Assistência Pública, Subfundo: Directoria de Assistência Pública – caixa: 7. 1. Caixa: 7.1.1.3.4.

ELEMENTOS estranhos à CCMB que se destacaram nas greves de 3/1/46 e 30/1/46 nas minas de Butiá, 1946. Arquivo Histórico da Mineração-Museu Estadual do carvão, caixa 3, série cartas do Sindicato, 08.01.

NO CAMPO de concentração dos mineiros do Butiá!. **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, p. 15, 25 maio 1946. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=154547&pagfis=2537>. Acesso em: 20 fev. 2025.

PRONUNCIA. **O Combate**: Independência, Verdade, Justiça, São Paulo, p. 3, 23 de abril de 1919. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830453&pesq=%22Maria%20Siani%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=2067>. Acesso em: 16 ago. 2025.

SERVIÇO de enfermeira e massagista. **A Federação**, Porto Alegre, p. 3, 14 fevereiro 1934. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=%22Casa%20de%20Corre%C3%A7%C3%A3o%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=74840>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Referências bibliográficas

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BARTMANN, Tatiane. **Trabalho precário e Gênero**: As Experiências das/os Trabalhadoras/es na 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Porto Alegre em meados dos Anos 1940. 2023. Tese (Doutorado em História) - PPGH-IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p.183-191.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. **Entre o socialismo e o corporativismo**: Trajetórias de quatro líderes do movimento operário no Brasil (1871-1963). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma Vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DUARTE BARTZ, Frederico. **As escolas libertárias em Porto Alegre**: propostas educacionais e relação com a territorialidade do movimento anarquista (1906-1936). Revista História da Educação. Porto Alegre, v. 29, p. 1-21, 2025.

FERREIRA, Jorge. A transição democrática de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (orgs.). **O Brasil Republicano vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, p.13-47.

FERREIRA, Jorge. **Elisa Branco**: uma vida em vermelho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas. 2001. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, Campinas, 2001.

FRACCARO, Glaucia. **O direito das mulheres**: organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937). 2016. Tese (Doutorado em História) - Unicamp, Campinas, 2016.

FREITAS, Tassiane Mélo de. **Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas**: experiência de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (1930-1950). Tese (Doutorado em História) - PPGH-UFSM, RS, Santa Maria, 2021.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, pp. 143-179.

- GUERRA, Cecil Vinicius Olivar Oliveira. **Entre boemia, imprensa e militância revolucionária: a trajetória de Rubens Manoel Lemos (1956-1973)**. 2023. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - PPGH-UFRGS, Porto Alegre, 2023.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009, p.67-76.
- KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. **Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945)**. 2006. Tese (Doutorado em História) - IFCH-Unicamp, Campinas, 2006.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.225-250.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MANDELLI, Bruno. **Greves, repressão e resistência: uma história comparada dos mineiros de carvão no sul do Brasil (1945-1964)**. 2023. Tese (Doutorado em História) - PPGH, UFRGS, Porto Alegre, 2023.
- MATOSO, Caroline Duarte. **"NOSSOS CORPOS FORAM BOAS RAÍZES NA FECUNDA TERRA DA LUTA": a agência das mulheres operárias e o PCB (Rio Grande, 1950-1954)**. 2024. Tese (Doutorado em História) - PPGH-UFRGS, Porto Alegre, 2024.
- MATTOS, Hebe. História e Movimentos Sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 95-111.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964**. 2000, Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo, SP.
- NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (orgs.). **O Brasil Republicano vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, p. 47-96.
- NUNES, Guilherme Machado. **Mulheres comunistas no Brasil: Elisa Kauffmann Abramovich, Julieta Battistioli e Júlia Santiago da Conceição (1935-1965)**. 2021. 289 f. Tese (Doutorado em História) - PPGH -UFRGS, Porto Alegre, 2021.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- POPINIGIS, Fabiane; SCHETTINI, Cristiana. História social do trabalho e perspectiva de gênero no Brasil. **Almanack**, Guarulhos, n. 38, p. 1-29, 2024.
- REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. Contar a vida em uma época presentista: A polêmica sobre a autorização prévia. *In*: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p.17-32.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 187-205.

SCHMIDT, Benito Bisso. Que diferença faz?: Os estudos biográficos na História do Trabalho brasileira. *In*: FORTES, Alexandre; LIMA, Henrique Espada; XAVIER, Regina Célia Lima; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz (org.). **Cruzando fronteiras: novos olhares sobre a História do Trabalho**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 61-77.

SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964). *In*: FERREIRA; REIS, **As esquerdas no Brasil. v. 2: Nacionalismo reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SOUZA, Flávia Fernandes de. Do trabalho de servir ao trabalho remunerado: definindo o serviço doméstico a partir da história (Brasil, Rio de Janeiro, c. 1850 a 1950). **História**, São Paulo, v. 43, p. 1-25, 2024.

SPECHT, Lucas. "Dona Maria Festa, a amiga dos mineiros": a trajetória de uma enfermeira-parreira comunista no seio da comunidade da região carbonífera gaúcha nos anos 1940. **Epígrafe**. São Paulo: v. 14, n. 1, p. 365–400, 2025a.

SPECHT, Lucas. "**Saudações anti-fascistas**": o abaixo-assinado das mulheres de Butiá e a mobilização política comunista feminina na região carbonífera gaúcha em 1946. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - IFCH-UFRGS, Porto Alegre, 2025b.

SPERANZA, Clarice Gontarski. **Cavando direitos**: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954). São Leopoldo: Oikos, 2014.

SPERANZA, Clarice Gontarski. Gênero e classe numa comunidade de mineração de carvão do Brasil em meados do século XX. **Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores**. Amsterdam, n. 1, p. 113–136, 2020.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. *In*: **Projeto e metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.